2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 17. QUINTA FEIRA, 31 DE JANEIRO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A PROTECÇÃO E O INDUSTRIADOR.

> A industria fabril é ainda infante entre nós. .....
> .....
> O preço é tudo. Industria que desde agora tiver um horoscopo fatal neste ponto, votamos-lhe a morte. Industria, que andar sempre embalada em prohibições, ou arrumada ao bordão das pautas, antes não a ter. Por que as pautas representam uma tyrania parcial, uma dictadura que se confere a uma industria para que pese sobre as outras.
> (*Industriador n.º 5.*)

264 Eis-aqui as maximas com que se acaba de inaugurar uma doutrina, que é nova para Portugal.

São estes os principios donde deve saír a fatal conclusão — *abaixo as pautas.*

Ainda bem que a doutrina veio para a luz da publicidade, e que achou na imprensa um conspicuo representante.

É para nós opinião assentada — que a industria se não deve fechar dentro das fabricas — confiando do acaso a sua sorte.

Deve representar-se pela associação e discutir pela imprensa.

Quando no campo da intelligencia se ergue uma voz contra a *protecção*, a industria deve ouvil-a, como a advertencia de que não póde desamparar os interesses da intelligencia do capital e dos operarios.

Tomamos hoje a penna para completarmos a exposição de uma nossa crença antiga, e não para encetar uma polemica. Muitas vezes o temos dito. A nossa vida de jornalista assenta em um certo numero de principios, e escrevemos para expor as ideas sociaes, que podem ser suas consequencias. Não sabemos escrever só por escrever.

A protecção é, quanto a nós, mais do que um systema economico: é um dos elementos da nossa futura prosperidade.

O que a industria fabril póde ser em Portugal, ninguem o sabe, e ninguem o póde saber. São simples os fundamentos da nossa opinião.

Quando a transformação social da Europa fez despir a Portugal a sua armadura de seculos, julgaram os nossos antepassados, que se devia trocar a espada pelo arado — esperando da terra, e só da terra, os thesouros, que até ahi provinham das conquistas.

Deste principio absurdo e exclusivo resulta uma contradicção incrivel, que só a historia economica do paiz explicará no futuro.

O povo que mais cioso era pela sua nacionalidade, converteu-se em uma colonia ingleza, por meio da falsa direcção que deu ás suas forças productivas.

O fim de todos os governos era só um, o de augmentar a producção agricola, e depois dar-lhe consumo por meio de tractados.

Ao passo que o plantio e poda das vinhas se aperfeiçoava, e que a redacção dos tractados se aprimorava, a verdadeira prosperidade publica foi sacrificada.

A Inglaterra comprava-nos o vinho e embriagava-nos com elle os sentidos. Com o preço do vinho comprava bem modicamente o direito e o privilegio de supprir a nossa industria fabril.

O paiz não resistiu ás sangrias que lhe fizeram no coração: esvaiu-se em oiro, e viu-se moribundo sobre as suas vinhas frondosas, e sobre parte dos seus campos incultos, porque lhe faltava a permutação interna do trabalho, que é para as nações como a circulação da vida para o homem.

Foram os olhos de Pombal, os que primeiro viram este erro que matava a patria: mas então não era ainda chegado o tempo da nossa industria ser uma realidade, e até fóra de Portugal, a industrta fabril ainda não era essa força portentosa, que ao presente anda procurando o fulcro, donde possa fazer mudar de face o mundo social. Depois as guerras internas, como derradeiro lampejo da vida das nações que morrem para as glorias da historia, reanimaram o moribundo que hoje apenas respira involto na dilacerada purpura das suas passadas grandezas, toda manchada de sangue de irmãos. A impenitencia destes seus derradeiros dias, é bem para lamentar — as suas crenças, fogem da cruz — do governo, e da familia — a terra da fé falta-lhe debaixo dos pés, e mostra-lhe nas angustias da duvida o abysmo que tem de o tragar.

As exigencias desta situação são grandes e novas. Não cabem na discussão de um dos pontos especiaes, a que se referem; mas são a luz que nos guia pelo in-

gado; pode-se, dar-se como verde e como feno; é muito propria para augmentar a producção do leite das vaccas. Além disso impede o desenvolvimento das hervas nocivas; sua cultura serve como de surriba ás terras; obsta á evaporação do sólo, e concentra por isso a humidade no terreno que cobre.

EXPERIENCIA COM AS BATATAS DA BELGICA.

266 M. Pelletier, morador na sua fazenda de Morney, departamento de Deux-Sevres, mandou vir da Belgica uma variedade de batatas que cultivou quatro annos a fio em terrenos diversos e segundo os variados methodos de cultura, arrancando-as da terra em differentes épocas e com circumstancias as mais excentricas, ora recolhendo-as humidas ora seccas, empilhando-as sem precaução em logares pouco ventilados ou collocando-as com cuidado em sitio arejado. Em summa submetteu-as a todas as experiencias mais desfavoraveis para a sua conservação, sem que ellas em caso algum appresentassem o menor toque da molestia, que ha poucos annos infesta os batataes; ao passo que das outras variedades indigenas da França, cultivadas nos mesmos terrenos e da mesma maneira, recolhidas pela mesma fórma, apodreciam tres quartas partes.

Achára por tanto M. Pelletier um meio efficaz de fazer desapparecer o mal das batatas, desaclimatisando uma variedade estrangeira. Este meio, a dizer a verdade, não é novo; já n'outras partes se havia ensaiado com vantagem, mas ainda não estava sufficientemente experimentado. O mesmo proprietario diligenciou propagar no paiz aquella casta de batata belga, que é um tanto comprida, côr de carne, mui lisa, farinacea, agradavel ao paladar, e que dá dois por cento mais de fecula do que as batatas amarellas.

Ha dois annos que a tem visto adoptada por muitos lavradores, que todos lhe asseguram não encontrarem vestigio do mal que destroe estas raizes tuberculosas, posto que plantassem a sobredita variedade belga entre as muitas já conhecidas em França.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XI.

Duas cartas.

267 Alguns dias depois da toirada real que tivera logar no Terreiro do Paço, para festejar o casamento de El-Rei, Luiz de Mendonça, já convalescente, estava n'um quarto do Corte-Real, para onde fôra transportado por ordem do Infante, sentado n'uma larga cadeira de coiro lavrado, ao pé de uma janella que deitava para o Téjo.

Luiz de Mendonça estava só. O seu rosto extraordinariamente pallido exprimia a mais profunda tristeza; os olhos negros e melancolicos olhavam, sem as ver, para as aguas do rio, que um vento rijo do norte encrespava em ondas orladas de espuma, e para as nuvens negras que se encastelavam sobre as montanhas de além do Téjo. Um amargo sorriso se lhe escondia por detraz do longo bigode, e duas rugas profundas lhe sulcavam a fronte. A mão esquerda apertava ao peito um lenço finissimo e primorosamente bordado, cuja alvura era manchada por algumas nodoas de sangue; a mão direita, caida para fóra do braço da cadeira, affagava lentamente a cabeça de um libréo, que estava estendido no chão a olhar para seu melancolico dono.

—Que incomprehensivel coração, este meu! —pensava Luiz de Mendonça.—Sempre a desejar com ardor uma felicidade que nunca chega; que a rasão lhe diz que não póde chegar! Que loucura! Tomára que este coração se me gelasse aqui dentro! Mas se a ingratidão, se a traição de uma mulher amada não teve força para o quebrar, que desengano lhe poderá matar os desejos e as esperanças? Esta desharmonia da rasão que medita e do coração que sente, esta lucta do pensamento e da paixão é o maior martyrio que Deus deu ao homem para castigo das suas culpas.—Este amor,.. É, é amor isto que sinto! Este amor é uma fascinação fatal, terrivel... que eu hei-de vencer; porque não devo, é crime ter um amor assim. E não chegará nunca o dia, em que os homens todos eguaes lutem no mesmo campo, para alcançar o premio, que pertence ao que mais val, ao que mais póde, ao que Deus fez maior?—Que significa esse abalo profundo, essa convulsão tremenda que ha pouco agitou o mundo? Um homem, rompendo por entre a multidão, derrubou do throno um Rei poderoso, que queria escravisar o povo; e como lhe não pôde arrancar a corôa, decepou-lhe a cabeça. Esse homem era o que mais valia, o mais poderoso da Inglaterra: sentou-se no throno dos reis. Em Napoles tambem um homem do povo foi rei um dia, porque Deus lhe tinha dado uma grande alma.—Não ter direito para amar uma mulher, porque é Rainha! Não ter esperança de ser amado... Eu, amado!—Que me importa? Para que queria eu ser amado? Para ser traido, abandonado; para morrer de dôr, ou vingar-me,.. como já me vinguei?

A dôr que lhe causaram estes ultimos pensamentos, foi tal, que Luiz de Mendonça, ainda abatido pelo soffrimento, cerrou os olhos, e ficou quasi sem sentidos por alguns instantes.

A bulha da porta, que se abria, fel-o estremecer e voltar a cabeça.

Foi grande o prazer que sentiu quando viu entrar Francisco d'Albuquerque.

O capitão, apenas abriu a porta, correu para o seu amigo, bradando: — A Rainha perguntou hontem por ti a Sua Alteza, Luiz.

Luiz de Mendonça levantou-se da cadeira em que estava sentado, e, estendendo os braços para o seu amigo, pediu-lhe que lhe contasse como tinha sabido aquella feliz nova.

— Disse-mo mesmo o Sr. Infante — respondeu Francisco d'Albuquerque. — Esta manhã Sua Alteza chamou-me, para me dizer que Sua Magestade se tinha dignado perguntar, se o mancebo que corrêra tão grande perigo por sua causa escapára á ferida que recebeu.

— Lembrou-se de mim! Dignou-se fallar, não se esqueceu do... do criado de Sua Alteza! — exclamou com amargo sorriso Luiz de Mendonça.

— A Rainha disse tambem que permitia, que lhe fosses restituir o lenço, logo que podesses ír a Alcantara.

— Querem-me tirar o meu thesouro! — bradou o pobre doente com exaltação febril, e apertando ao coração o lenço da Rainha. — Querem separar-me do companheiro das minhas horas de angustia! Estou com cabeça perdida! Tive esperança...

— E tiveste rasão para a ter — interrompeu Francisco d'Albuquerque affagando-o. — A Rainha ha-de recompensar-te, ha-de...

— Que me póde ella dar a mim? Nada... nada.

— É Rainha, póde te dar tudo.

— Não é pela Rainha que eu quizera ser recompensado; é pela... mulher.

— Que dizes? Endoideceste!

— Endoideci; dizes bem. Eu, que julgava não tornar outra vez a ter amor... Olha! — proseguiu Mendonça, com voz lenta e abatida: — Esquece quanto me ouviste dizer agora. Foi um delirio, que passou. Esta noite senti ainda uma febre violenta; e agora mesmo, o sangue escalda-me nas veias. Preciso sangrar-me outra vez... para não morrer suffocado.

A estas palavras seguiu-se um longo silencio. Francisco d'Albuquerque meditava sobre a estranha revelação que o seu amigo lhe fizera; e Luiz de Mendonça proseguia nas desvairadas reflexões, que a chegada do capitão tinha vindo interromper. Foi este quem rompeu primeiro o silencio.

— As insolencias do valido continuam — disse elle, mudando de conversação para distrahir Luiz de Mendonça das penosas reflexões em que o via absorvido. — É por causa delle que El-Rei não tem querido dar ao Sr. Infante os gentis-homens. Antes de partirem, como sabes, o marquez de Ruvigni e o bispo de Laon mandaram pedir licença a Sua Alteza para lhe irem beijar a mão. O Sr. Infante só tinha naquella occasião para o servir D. Rodrigo de Menezes; e se não fosse o assistirem-lhe alguns fidalgos e titulos da côrte, os estrangeiros têl-o-hiam encontrado quasi só.

— Sua Alteza não mandou pedir de novo a El-Rei os gentis-homens que elle lhe prometteu? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Mandou. Mandou-os pedir pelo Secretario João de Roxas; mas o valido deu-lhe em nome de Sua Magestade uma resposta tão desabrida, que Sua Alteza...

— Está resolvido a castigar o Castello-Melhor...

— Sair da Corte, é o que o Sr. Infante difinitivamente decidiu fazer. Um desastroso acontecimento, segundo ouvi contar, faz com que Sua Alteza apresse o mais possivel a sua partida. Retirar-se-ha para Queluz no dia mesmo da entrada da Rainha em Lisboa.

— Então que aconteceu?...

— Dizem que hontem, quando o Sr. Infante assistia no coche d'El-Rei ao ensaio das canas, que se hão de correr alli na praça do Palacio, succedeu gabar Sua Alteza o bem que o Marquez de Marialva e seu irmão D. Rodrigo de Menezes, que pertenciam á mesma quadrilha, guiavam os cavallos, e faziam as sortes. El-Rei, que era, como sempre, pelo valido, teve tal cólera ao ouvir isto, que ameaçou Sua Alteza, dizendo-lhe que lhe daria quatro estocadas se não fôra estar presente a Rainha. E das palavras passaria ás acções, se os rogos desta o não suspendessem.

— El-Rei... odeia profundamente seu irmão: é tem um coração de féra.

— Talvez que sejam, hão de ser de certo os máus conselhos dos validos...

— Receio que tu te exponhas por causa da Calcanhares a algum grande perigo — interrompeu Luiz de Mendonça. — Amas-la; és moço e imprudente...

— E tu queres-me dar conselhos de prudencia? — perguntou rindo o Capitão.

— Tens rasão para te rir dos meus conselhos. Ri-te delles, mas toma-os. Vens da provincia, — proseguiu Mendonça, — onde tudo é singello, onde a verdade é respeitada e a fé se tem conservado pura... não pódes intender o coração artificioso das mulheres da Corte. A Calcanhares tem por ti um amor passageiro; destes amores que duram um dia, que passam nas mulheres como o perfume da agua de cheiro se escapa do frasquinho que o contém. Tu, se te deixares fascinar, ficarás o escravo dos seus caprichos; sem força para lhe resistir, sem coragem para fugir della.

— Mas não a amo, não penso nella...

— Já te esqueceste de Thereza — atalhou Mendonça, com seriedade. — Andaste seis mezes na guerra, e nunca te esqueceste da tua companheira da infancia: estás ha quinze dias na Corte, e já te não lembras da tua noiva, a quem juraste, pela alma de tua mãe, amar sempre, e ser sempre fiel.

— Enganas-te! — murmurou Francisco d'Albuquerque, córando de envergonhado. — Não me esqueci de Thereza...

— Não te esqueceste della? Escreveste-lhe já?

— Tens rasão, Mendonça. Sou um ingrato: Um homem sem fé; um máu homem! — exclamou o Capitão, puxando dos cabellos e quasi chorando de raiva.

— Não te aflijas. Quando tu me contaste a historia dos teus puros amores, recommendei-te que te não fiasses no teu proprio coração. E tinha rasão, como vês, em to recommendar. O coração não obedece á vontade, não escuta os conselhos da rasão — proseguiu elle. — Tem vagos desejos, que não podem nunca ser satisfeitos; ambições que o perdem, caprichos que o fazem criminoso.

— Que hei de fazer?

— Foge da Calcanhares; foge dessa mulher artificiosa e má, que te póde fazer para sempre desgraçado.

— Ah! Se eu podesse agora fallar com a minha cara Thereza, se podesse ouvir a sua voz suave, ver o seu angelico sorriso, beijar-lhe as mãos castas, e pedir-lhe perdão; estou certo de que a minha alma ficaria socegada, como nessas noites formosas, em que fallavamos do nosso amor naquelle jardim, que a mim me parecia o paraiso... que era o paraiso de certo. — Estas palavras de Francisco d'Albuquerque foram ditas tanto do coração, que as lagrimas lhe saltaram dos olhos. A saudade era para elle um remorso. Desejava e temia o amor de Thereza. Queria esquecer a Calcanhares, mas não lho consentia o coração.

Por um impulso de dôr e de remorso, Francisco d'Albuquerque saíu do Corte-Real, e correu á Estalagem do *Alémtejo*, a saber se algum almocreve lhe tinha trasido carta de Evora.

Meia hora depois, voltou trazendo uma carta de Thereza, que leu, profundamente commovido, ao seu amigo. A carta era como se segue:

« *Meu caro Francisco.*

« Ha quinze dias que estás longe de mim, ha quinze dias que nos separámos, e ainda não tive novas tuas. A minha saudade é immensa: não tenho feito senão chorar. Com a tua ausencia, começou a desgraça a provar-me o coração; e não ha prova dolorosa por que o não tenha feito passar. Francisco, meu irmão, meu esposo, meu unico amigo, não quiz Deus dar á tua triste Thereza uma dor só. — Meu pae está muito mal; estamos em risco de o perder. E sem elle, que hei de eu fazer, só, sem ninguem meu, que me console.

« Passou-se ha dias aqui um acontecimento desastroso que foi a causa desta nossa desgraça. Uns poucos de soldados do regimento francez de Chauvet atacaram de noite algumas cazas fóra da cidade para as roubar; meu pae que tinha ido visitar um amigo seu, e que ficára de noite n'uma das cazas que foram atacadas, correu ás armas logo que ouviu os soldados arrombarem as portas. Houve um combate longo e tenaz entre os salteadores e os que defendiam a caza; e se não fosse acudir um troço de tropa, teriam ficado estes todos mortos. Meu pae, o meu querido pae foi perigosamente ferido neste combate: e os medicos dizem, só para me consolar, que *talvez escape da morte*. Mas eu sinto que o vou perder; que vou ficar sem pae, sem ninguem!

« Sem ninguem! Não. Tenho-te a ti; que me amas, que me não has-de abandonar, que juraste pela alma de tua mãe ser meu protector e meu marido.

«Quando vejo passarem-se tantos dias, Francisco, sem que me venham novas tuas, accuso-te de ingrato, queixo-me de ti, e chego quasi a accreditar que se realisaram os meus presentimentos, que me esqueceste por outra mulher. Perdoa-me, perdoa-me, porque o mereço. É o amor que me cega. De mais, eu tenho padecido tanto, que me parece que todos os males vão pesar agora sobre mim como um castigo de Deus. — Nossa Senhora se compadeça de mim! Uma mulher fraca como eu sou não póde soffrer tanto.

«Vem, vem de pressa! Pede licença ao Sr. Infante, e vem. Meu pae quer-te fallar... antes de morrer, diz elle. Vem! Eu amo-te cada vez mais. As saudades e os soffrimentos tem-me exaltado o coração a ponto, que morreria de dor agora se me deixasses de amar.

«Escuta estes meus prantos; e vem consolar-me. Ai! Tu deves sentil-os, como eu os sinto. — A cada instante espero ver-te chegar. Tu has-de lá ter adivinhado os meus tormentos; e de certo me não deixarás padecer só, por mais tempo.

«Vem, vem! Que te espera, que te chama a tua

Thereza.»

A leitura desta carta fez uma inexplicavel impressão em Francisco d'Albuquerque. Pareceu-lhe sentir primeiro renascer todo o seu amor por Thereza; depois, a idéa de sahir de Lisboa, de se separar da Calcanhares, passando-lhe subitamente pelo espirito, deixou-o aterrado, e sem forças. Caíu prostrado sobre uma cadeira, e largando a carta das mãos, murmurou: — É um anjo!... e eu, sou um ingrato.

— É quasi noite — observou Luiz de Mendonça: que lia no rosto do seu amigo as paixões que o agitavam. — É quasi noite. Vae, vae ter já com D. Rodrigo de Menezes e pede-lhe licença para ir ao Alemtejo. Deves partir amanhã...

— E se elle me não deixar partir? — Esta pergunta do capitão era quasi a expressão de um vago dezejo.

— Deixa, deixa-te ir de certo, em tu lhe dizendo tudo, em lhe contando a verdade.

— Pobre Thereza!

— Tens rasão em n'a lamentar — disse o Mendonça. — A leitura dessa carta maguou-me muito; a mim que a não conheço. Não lhe tornes tu maiores os seus padecimentos, prolongando uma ausencia tão dolorosa para ella nestes dias de angustia.

— Vou já a Alcantara fallar com D. Rodrigo; pedir-lhe que me deixe partir esta noite mesmo. Adeus!

Ao dizer estas pallavras, Francisco d'Albuquerque poz-se de pé e sahiu precipitadamente. Naquelle instante, tinha elle medido com horror a grandesa da sua ingratidão.

Francisco d'Albuquerque saíu corendo do Corte-Real; e tomou logo o caminho de Alcantara. Ainda porém não tinha dado cem passos, quando uma mulher se aproximou delle, e lhe entregou uma carta pequena, e perfumada em agua de rozas.

O capitão parou para lêr. A carta continha apenas algumas linhas, e não vinha assignada.

Sr. Capitão: — dizia a carta. — «Uma mulher que vos ama, dezeja fallar-vos esta noite. Talvez o vosso coração vos diga quem é essa mulher; porque, se não mentem os olhos, não vos tem ella sido indiferente nas occasiões em que a tendes encontrado. — Esperam por vós ás nove horas, nas portas da Ribeira.»

Francisco d'Albuquerque sentiu um immenso prazer ao lêr esta carta, que elle estava certo de que só podia ser da Calcanhares. Esqueceu-lhe tudo; a noiva, o protector moribundo, a carta que recebêra, o motivo por que ía correndo para Alcantara; tudo se lhe varreu da memoria por um instante. Olhou em roda de si para procurar a mulher, que trouxera a carta; mas a mulher tinha desaparecido.

A este primeiro sentimento seguiu-se logo a reflexão; e á reflexão o arrependimento, e o remorso. O capitão proseguiu na sua carreira para Alcantara, e só parou na quinta de Luiz Cezar de Menezes, onde o Infante se achava alojado.

A fatalidade perseguia naquella occasião o moço provinciano: tudo parecia querer-se oppor a que elle cumprisse os seus sagrados deveres. — D. Rodrigo de Menezes tinha partido com Sua Alteza para Queluz, e só voltava no dia seguinte.

Angustiado e satisfeito ao mesmo tempo, lamentando e bemdisendo simultaneamente o acontecimento fortuito, que o obrigava a demorar a sua partida para o Alemtejo, Francisco d'Albuquerque esperou com impaciencia que anoitecesse; e apenas viu as estrellas scintilarem no céu, e as trevas pesarem sobre a terra, enca-

minhou-se a passos vagarosos para as Portas da Ribeira.

A formosa imagem da Calcanhares atraía-o com tal poder, que elle se não sentia com forças para lhe resistir.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

IGNEZ DE CASTRO.

268 IV

Por este canto sentido
Minhas lagrimas correi.
De Ignez o pranto vertido
Minhas lagrimas — dizei!
Selae-me os versos; que importa,
Que as turbas de crença morta
Vos não queiram fé prestar?
De Ignez os tristes amores,
Heide aqui de verdes flores
Nos cantos engrinaldar.
Heide sim; heide colhel-as
No fundo do coração.
Heide depois off'recel-as
Nesta singella canção.
É pobre, mesquinha a offerta;
Mas se a vontade vae certa,
Que mais heide dar aqui?
A chorar de ha muito affeito
Nem por isso hoje o meu peito
Desdirá do que senti!

Linda Ignez! que triste sorte
Teve o teu sentido amor!
Só gelada mão da morte
Te pôde roubar valor.
Mansas aguas do Mondego,
Que lhe ouvistes, em socego,
Os seus fundos tristes ais;
Dizei-me, saudosas aguas,
Se jámais tamanhas magoas
Tiveram de si rivaes?

Dizei-m'o, prados e fontes;
Dizei-m'o, rosas do val;
Dizei-m'o, selvas e montes;
Dizei, aguas de cristal!
Oh! não houve, que na terra
Tamanho amor não encerra
Um peito que Deus creou!
Houve aquelle, mas segundo,
Tão sentido, tão profundo
Deus á terra não mandou!

Não mandou, que não podia,
Fazel-a, qual Elle a fez!
Nem o mundo intenderia
O amor d'uma outra Ignez!
Em troca do sentimento
Soffreu na terra o tormento
Teve o mundo por algoz;
O avô dos proprios filhos,
Esquecendo antigos brilhos
Foi avô.... foi rei feroz!...

A morte de Ignez ordena;
Esquece o filho tambem:
Dos netos não lembra a pena
Não se lembra de ninguem!
De noite... sonha cutellos....
Poz nelles os seus desvellos,
Poz na morte o seu sonhar!...
Onde vaes, rei homicida?
Esqueceu-te já que em vida,
Pódes teu crime expiar?!....

Esqueceu-te?.... o crime é cego,
Caminha... marcha... não vê.
Só depois no dessocego
A culpa soletra, — lê!
Oh! mal-haja essa vaidade
Que ao throno cega a verdade
Que á justiça occulta a lei.
Mal-hajam os conselheiros
Que em vez de ser verdadeiros
Fazem carrasco.... de um rei!!

Oh! quem não sente de vel-a
Tão moça morrer assim?
Quem a não chora, tão bella
Ter aquelle triste fim?!
De illusões, de tudo cede;
Para os filhos é que pede
Do seu rei a protecção.
« Só te peço, rei, que leias,
« Que o sangue que tem nas veias
« É da tua geração! »

Por este canto sentido
Minhas lagrimas correi.
De Ignez o pranto vertido
Minhas lagrimas dizei.
Selai-me os versos; que importa,
Que as turbas, de crença morta,
Vos não queiram fé prestar?
De Ignez os tristes amores,
Heide aqui de verdes flores
Neste canto engrinaldar.

V

E mataram-te, Ignez! teu Pedro ausente,
Não pôde desviar de ti o golpe
Que o vendido punhal dos assassinos
No peito te cravou! Mal hajam elles!
Mal haja quem te pôde vêr as rozas
Do rosto desbotadas. Oh! mal haja,
Quem de sangue tingiu as mãos cruentas.
« No collo de alabastro que sostinha
« As obras com que amor matou de amores »
Aquelle, que depois se vinga altivo,
C'roando-a rainha! Oh! mal haja
Quem de Pedro, o Cruel, excita a sanha
Para a morte vingar da cara esposa!
« Bem podéras, ó sol, da vista destes »
Tristissimos successos affastar-te.
As filhas do Mondego, em triste pranto,
Tua morte sentida memoraram,
E por memoria eterna em fonte pura
Para que eterno fosse o caso triste,
Transformaram as lagrimas choradas.
Ignez, formosa Ignez, hoje o meu canto
Escuta-me se pódes. E na lyra,
Aonde o teu cantor cantei a medo,
Inspira, linda Ignez, sentida endeixa!

VI

Eu quizera ter lyra afinada,
Pelas harpas dos anjos do céu;
Que na corda de amor magoada,
Descantára d'Ignez o trophéu.

Que tão triste não foi! que sentido,
Foi de Pedro e de Ignez o sentir!
Inda agora, de manso ao ouvido,
Cuido as queixas de Ignez distinguir.

Inda agora — tão longe! — parece
Vêr-lhe as sombras nas selvas errar.
E nas selvas, que o cedro escurece,
Ouvir beijos... de nunca fartar!

Inda agora, nas noites caladas,
Quando tudo é socego e mudez;
Cuida a gente escutar as passadas,
As ligeiras passadas de Ignez!

Quando tudo na terra é socego;
Quando brilha na selva o luar;
No saudoso correr do Mondego
Cuidam todos ouvir suspirar!

Inda agora nas tardes saudosas
Que só duram no meu Portugal;
Cuida o povo, nas aguas formosas,
Vêr o rosto de Ignez no christal!

Eu quizera ter lyra afinada,
Pelas harpas dos anjos do céu;
Que na corda de amor magoada,
Descantára d'Ignez o trophéu.

L. A. PALMEIRIM.
(Continúa).

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO VI.

Desenganos.

(Continuado de pag. 190.)

269 Mauricio levantou-se arrebatadamente, e chegou á janella. Dir-se-hia que pedia á natureza refrigerio ás tempestades, que se lhe agitavam dentro da alma.

— Não queres ouvir o fim desta historia? — perguntou D. Affonso.

— E porque não — respondeu Mauricio com um sorriso convulsivo nos labios — a chronica da sociedade não é acaso a sciencia indispensavel, e o preservativo impreterivel para que as illusões se não percam? Oiço!

— Esse homem, que víra finar-se, diante de seus olhos a mulher que amára, esse homem que tivera animo para a contemplar exhalando o ultimo alento da vida, n'um suspiro de saudade aquelle affecto immenso, que lhe exaltára a alma, esse homem que tivera os olhos enxutos ao vêr aberta pouco a pouco a cova que devia recolher aquelle anjo de innocencia — teve tambem um terrivel destino. Um dia, a Viscondessa, n'um momento de horrivel capricho, confessou-lhe o motivo unico, que a levára a toma-lo por amante; — lançou-lhe em rosto a sua fraquesa, e a sua inconstancia; — zombou da sua presumpção, e da sua credulidade; — mostrou-lhe núa a sua alma, para que elle tivesse horror de si mesmo, e depois, fez circular pelo mundo, que quebrára com elle as suas relações, porque tivera a insolencia de lhe fazer uma declaração.

— É incrivel! — bradou Mauricio allucinado.

— E sabes o que aconteceu a esse homem? Pungido de remorsos, quasi insultado pela sociedade, foi morrer obscuramente n'uma acção

em Hispanha. E a Viscondessa viu-se livre do homem, que não teve a coragem de lhe arrancar a mascara, de a appresentar vergada debaixo do peso d'um nome infame, como a Lucrecia Borgia da tragedia, descoberta pela mão atrevida de Maffio Orsini.

— E como soubeste tu tudo isso? — perguntou Mauricio delirante.

— Esse homem caíu ferido ao meu lado, e antes de morrer, contou-me a sua vida. Era uma alma nobre, que expiava com uma devoção ignorada as manchas d'uma paixão infeliz, e o affecto a uma mulher infame. É que elle — o desgraçado — ainda a amava, apesar de a ter visto hedionda como as bacchantes da antiguidade. É que ella n'um sorriso, faz esquecer todas as recordações, e parece que se transfigura moralmente. É que a bellesa, e a distincção são dons fataes, que cegam e desvairam os espiritos mais firmes e os caracteres mais elevados.

— E queres que te conte, até aonde me conduziu essa mulher, Affonso? Desligado daquelles com quem tenho até aqui combatido, estou quasi lançado nos braços d'uma facção, que despreso, porque não tem idéas, e condemnado a defender homens, cuja ignorancia me faz córar de vergonha. Não posso recuar, porque me não accreditariam: não posso ir por diante, porque me não quero cobrir de lodo e ignominia!

— Já é tarde! já é tarde para o arrependimento: prosegue no teu caminho, porque ficas isolado, se paras. N'um accesso de paixão, esqueceste o futuro, e já o não pódes alcançar, senão por uma vereda falsa, que se abandonas, ficas comdemnado. É necessario teres a coragem da apostasia!

— É uma coragem que muitas vezes se confunde com o cynismo...

— É para isso que servem o orgulho, e a consciencia. Absolvido aos teus olhos, pódes fitar sem receio o mundo, que te accuza, que é cem vezes mais culpado. Os mais fogosos recriminanadores não se vendem, porque ninguem os tem querido comprar.

— É essa uma consolação bem triste! — respondeu Mauricio com melancolia. — Lançar aos pés de uma mulher o nome, e os sonhos impetuosos de uma vida inteira, quando essa mulher tem coração para comprehender o sacrificio, não é por acaso realisar a mais elevada de todas as adorações? Mas ella! ella quiz obter mais um triumpho, dezejou para o seu carro mais uma victima, tentou dissipar os thesouros da minha vontade nas soffregas emoções de um amor bastardo! E ainda sinto que a amo — ainda resoam aos meus ouvidos as palavras que me disse ha poucos dias; ainda vejo aquelle sorriso, e aquelle olhar, que me endoidecem de paixão! E não queres que dezeje a morte?

— Soffre que o mereces! — respondeu D. Affonso solemnemente — é só com o martyrio, que se pagam essas luctas indignas de um talento superior!

CAPITULO VII.

Para que servo uma camelia?

Será demaziada condescendencia do leitor acompanhar-nos a um baile? O espectaculo não é novo, nem na vida, nem no romance, e por isso, poupamo-nos ao trabalho de o descrever, desde os vasos de flores que ornam a entrada, até ás salas mais ou menos opulentas, que são o theatro dessa existencia artificial, que a civilisação creou.

E todavia, quantos dramas não começam, e não se continuam ao som da orquestra de um baile? Quantas paixões profundas, no meio das interjeições frivolas! Quantas lutas penosas, disfarçadas n'um sorriso, ou distrahidas pela agitacção de uma walsa, ou de uma conversacção insignificante!

O mundo moral tem tido revoluções identicas ás do mundo physico: se a crusta superficial da terra arrefece, e se presta a produzir tudo o que alimenta e encanta a existencia do homem, é certo que lhe ardem no seio elementos em combustão, que muitas vezes riscam da esphera da civilisação cidades, como Herculanum e Pompêa, ou reduzem a ruinas capitaes, como Lisboa, e Napoles. Um baile é aonde se demonstra efficazmente a acção poderosa do espirito sobre as tendencias apaixonadas do homem: mas quantas vezes naquella apparencia tranquilla, não ha o vulcão que murmura ameaçador sob os passos descuidosos da sociedade?

A Viscondessa dava um baile. As indisposições, as intrigas, a malediencia tinham-se desarmado, em presença do prazer de que íam gosar. Não ha reconciliação mais poderosa do que um convite. Se *Lugarto* fosse um personagem real, se o romance *Mathilde*, de Eugenio Sue, fosse uma narração exactamente verdadeira, nem por isso se o mulato dispozesse dos seus cinco

milhões, deixaria de ser applaudido e festejado. Teria pontos de admiração a cada dito, que proferisse, e mais de uma mulher se daria ao trabalho de domesticar aquelle monstro, e acharia um chiste inimitavel na sua côr terrena e pallida. Adora-se plenamente o bezerro de oiro, e o maravilhoso, mesmo o que é vil e abjecto, tem um culto instinctivo na sociedade.

E quem havia de resistir? *On recontrera tout ce qu'il y a de mieux dans la societé* — escreviam-se mutuamente no francez mais encantador as senhoras mais distinctas. O baile reunia effectivamente todo o mundo elegante.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

15 a 20 de Janeiro.

DIARIO N.º 17.

270 Portaria circular regulando o processo das folhas de ordenados e expedição das respectivas cedulas, dos empregados publicos.

BANCO DE INGLATERRA.

271 Comparando o balanço da semana finda em 5 do mez actual com o da semana precedente, o *Times* nota o seguinte.

1.º No passivo, o augmento de 295,787 libras nos depositos publicos, a diminuição de 84,475 ditas nos outros depositos, e a diminuição de 47.283 libras nas ordens a 7 dias e outras.

2.º No activo, o augmento de 617,479 libras nos diversos fundos; diminuição de 469,670 libras nas notas de reserva; diminuição de 18,159 libras na moeda de ouro ou prata. Não houve alteração nas obrigações do governo.

As entradas das duas repartições do banco montam conjunctamente a 17.716,163 libras, que em relação á conta precedente appresentam para menos 64,579 libras.

As notas em circulação montam a 19.248,711 libras, que comparadas com o resultado da conta precedente dá o augmento de 376,067 libras.

NOVA EMPREZA DO PINTOR VERNET.

272 Diz o *Toulonnais* que M. Horace Vernet devia chegar a Toulon no dia 5 do corrente, de volta de Nice, onde fôra passar alguns dias, e embarcar a bordo de um vapor do estado para Civita-Vecchia. Crê-se que o celebre artista é encarregado pelo governo de pintar algum episodio da recente campanha de Roma.

THEATRO DE D. MARIA II.

273 Temos:

Uma Inspecção Geral dos Theatros:

Um Inspector Geral:

Um Secretario da Inspecção:

Um Conservatorio Real da Arte Dramatica:

Um Vice-Presidente do Conservatorio:

Um Secretario:

Uma lei para o primeiro Theatro de Declamação:

Uma Commissão Inspectora do Theatro de D. Maria II:

Uma Direcção do mesmo Theatro:

Um Fiscal:

Um subsidio de 600$000 réis mensaes.

Temos mais:

Um Theatro que nos custou bons 300 contos de réis, e que se arder não está seguro, e que não tem cobertura que o preserve dos estragos da chuva:

O *Alcaide de Faro* passando tres vezes a cavallo por ante o publico como se fosse um comparsa:

A Sr.ª Maria da Gloria debutando tres vezes — o que prova o grande proveito da Eschola Theatral de que não sahem discipulos:

Os actores, salvo honrosas excepções, fallando portuguez que parece mouro:

Em logar do *Catão* a *Aldina*; em logar de *Frei Luiz de Sousa* a *Nossa Senhora dos Anjos*; em logar do *Auto de Gil Vicente*, muito afrancesadas traducções representadas ante os bancos da platéa:

A Sr.ª Landa e o Sr. Velasques substituindo as Comedias de costumes:

A Sr.ª Marsigliani em logar da Sr.ª Emilia das Neves; o Sr. Firmino em logar do Sr. Sargedas:

Os cavallos e os camellos postos no palco e nos cartazes ao pé dos actores e dos seus nomes:

Grande espectaculo, em logar de espectaculo:

O theatro ás escuras, e os espectadores suffocados com fumo de pessimo azeite:

Gratificações que beneficiam os societarios que as recebem, em prejuiso dos que as não tem.

Temos tanta coisa e não temos — *Theatro Portuguez*. Agora uma pergunta.

¿Sem reforma completa na organisação do theatro e disposições que se lhe referem, teremos no orçamento a verba de alguns contos de réis, para se transformarem em beneficio de certos individuos?

IMPORTANTE DESCOBRIMENTO GEOGRAPHICO.

274 M. Moffat, ao cabo de uma jornada de 556 milhas inglezas, tendo partido de Kolabeng, teve a fortuna de achar o grande lago interior ao norte do Cabo da Boa-Esperança, cuja existencia, problematica ha muito tempo, atormentava a curiosidade dos viajantes. M. Moffat poz a esse lago o nome de Nama ou Ngama. Nelle vão desaguar dois caudalosos rios; e pela doçura e limpidez das aguas póde inferir-se que

dimanam do norte daquella região, tendo principal origem nos depositos de neves das serranias.

As tribus habitantes das margens do lago tem parecenças com os beckuanes, mas são de côr mais tostada: servem-lhes de canoas troncos de arvores excavados, e ahi dormem e preparam a comida como se fôra em casas; sabem perfeitamenta guia-las e navegam com destreza. Esta gente é de caracter brando e affavel; sustenta-se exclusivamente de peixe, postoque no seu territorio haja gado em abundancia.

Pelo que respeita á posição geographica do lago de Ngma, que offerece ampla prespectiva de prosperidade aquella região africana, as ultimas observações do sol deram em resultado 19 e 7 minutos.

NOVA MOEDA HISPANHOLA.

275 Segundo a *Gaceta Mercantil* de Madrid recebeu a Casa da Moeda nesta capital, no meado do corrente mez, 1,500 barras de oiro, do pezo de um marco, e com ellas se estão cunhando as moedas do valor de 100 reales, que na fórma são mui parecidas ás libras inglezas.

EXPORTAÇÃO DE FERRO DA SUECIA.

276 Annualmente exportam-se da Suecia mais de 80 milhões de skeppund (equivalente cada um a 9 ½ arrobas proximo) de ferro e aço, que pela maxima parte se destina á Inglaterra e aos Estados-Unidos.

PONTE PENSIL NA RUSSIA.

277 Está-se construindo em Kief uma ponte pensil sobre o Dnieper, que será a maior da Europa. De comprimento terá 900 metros (408 ½ braças); e a largura do pavimento não será menor de 53 pés francezes. Empregar-se-hão nesta obra grandiosa 3,300 tonelladas de ferro; quinze navios andam empregados em transportar a Odessa o ferro que é preparado em Inglaterra.

ABUNDANCIA DE DINHEIRO EM INGLATERRA.

278 Para dar idéa desta abundancia sirva o exemplo seguinte. — Uma sociedade de commercio de Banco, estabelecida em Sheffield, dirigiu ha pouco aos seus accionistas a presente circular. — «Os directores do Banco de Sheffield, conforme os poderes, que lhe foram concedidos pelo art. 13.º da sua escriptura de installação de sociedade, vendo que no estado actual dos negocios commerciaes ou monetarios não podem proveitosamente empregar tanta porção de capital como a de que tem disposto até agora, resolveram restituir aos srs. accionistas a quantia de 10 libras esterlinas por acção, que será paga no Banco a contar de 21 de janeiro proximo.

PROHIBIÇÃO DOS DUELLOS.

279 A commissão de iniciativa parlamentar da assembléa franceza está encarregada de examinar uma proposta de alguns representantes do povo, concebida nestes termos.

Art. 1.º O duello é um delicto.

Art. 2.º Todo o combate singular, em que é cada um dos combatentes assistido de testemunhas, e que se effectua em virtude de convenções estipuladas entre aquelles ou suas testemunhas, é duello.

Art. 3.º O delicto de duello será castigado com pena de prisão por um mez pelo minimo, até cinco annos o maximo, e multa de 500 até 10,000 fr. Os culpados poderão, além disso, ser privados dos direitos que menciona o art. 42 do codigo penal, por um espaço de tempo que não exceda cinco annos, e que deverá contar-se do dia em que findar o prazo da pena que lhe fôr imposta.

Na caso de reincidencia, poderão dublicar-se as sobreditas penas.

Art. 4.º Conforme a gravidade das circumstancias, as testemunhas do duello poderão ser mettidas em processo e condemnadas como cumplices.

Art. 5.º Poderá ser applicado o art. 463 do codigo penal ao delicto de duello, mesmo no caso de reincidencia.

TELEGRAPHO ELECTRICO.

280 O *Standard* annuncia ter chegado a Inglaterra no dia 31 de Dezembro a concessão, assignada por Luiz Bonaparte e pelo ministro do interior Dufaure, que auctorisa MM. Bret, Toché e C.ª a estabelecer uma linha telegraphica electrica entre a França e a Inglaterra, mediante a communicação submarina atravez do canal! Esta será permanente; e a carta de privilegio declara que este telegrapho, empregando um só fio conductor, e duas pessoas, e marcará em caracteres romanos e sobre papel 100 participações de 15 palavras cada uma, com a direcção e as assignaturas, devendo effectuar-se tudo em 100 minutos.

PRODUCTO DE MINAS.

281 Escreve o *Globe* que as barras de metaes preciosos, trazidas a Southampton pelos paquetes procedentes da America, no decurso do anno de 1849, representou a somma de 4,648,270 lib. sterlinas, extracção das minas do Mexico, da America central, do Chili, do Perú, de Bolivia, da Nova-Granada e da California.

CONSUMO DE ALGODÃO EM INGLATERRA.

282 O termo medio do consumo por semana nos seguintes annos foi

1839.....	21,834 balas.	1847.....	22,230 balas.
1845.....	30,064 »	1848.....	29,020 »
1846.....	31,261 »	1849.....	30,400 »

O pezo medio de cada bala foi de 13 arrobas e 29 arratis proximamente.

EMPREGADOS PUBLICOS EM FRANÇA.

283 No 1.º de Janeiro do corrente anno a republica franceza contava 535,363 empregados; este numero em relação á população masculina corresponde a um empregado publico por 16 homens.

MOVIMENTO TYPOGRAPHICO.

284 O ultimo caderno do *Journal de la Librairie*, que termina o volume de 1849, eleva a 7,378 o numero de livros de toda a natureza, brochuras ou folhetos, que se publicaram no decurso do anno findo. Apesar do muito que foi prejudicado o commercio de livros, observa-se naquella nomenclatura laboriosa a reimpressão de algumas obras excellentes e de trabalhos litterarios e historicos de grande alcance.

Folheando os 52 n.os da sobredita compilação, vê-se que 7,075 obras typographicas, impressas em Paris e nos departamentos são obras novas ou reimpressas em lingua franceza: comprehendem-se 311 jornaes, publicados em 1849, que tiveram mais ou menos duração, e alguns que mudaram de fórma ou de nome.

As obras impressas em linguas estrangeiras foram 303, a saber; 15 em alemão, 48 em inglez, 44 em hespanhol, 28 em italiano, 101 em lingua latina, 46 em caracteres gregos, 1 em ditos arabes, 4 em hebraico, 1 em polaco, 1 em russiano, 11 em lingua portugueza. As linguagens oceanicas e do Indostão foram representadas por dois escriptos impressos em caracteres que mostram o aspecto dos typos desses idiomas, finalmente, appareceu um livro polyglotto. — *Exercicios de linguistica em oito linguas*, comprehendendo os principios elementares da fé christã.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 30 de Janeiro.

285 Fundos publicos de 5 por cento 54 a 55. — Acções do Banco de Portugal 420$000 a 424$000 rs. — Desconto de Notas, 940.

Cereaes em 30 de Janeiro.

Trigo do reino rijo . . .	de 350 a 450	réis	a bordo.
» » molle .	de 410 a 460	»	»
» da ilha.	de 345 a 400	»	»
Milho do reino.	de 220 a 225	»	»
» da ilha.	de 200 a 205	»	»
Cevada do reino.	de 190 a 200	»	»
» da ilha	de 170 a 180	»	»
Centeio do reino	de 210 a 215	»	»

Estado do mercado, em 30 de Janeiro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito de Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Pequenas vendas para o consumo

Assucar de Pernambuco B. novo 1$400 a 1$500 rs., dito velho 1$200 a 1$350 rs., — Do Rio dito 1$300 a 1$400 rs. — Da Bahia dito 1$250 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$150 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 800 a 950 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dicto velho 800 a 1$000 rs. — Á excepção d'uns 400 sacos para embarque, limitam-se as vendas somente para o consumo. O mercado offerece alguma declinação, em virtude das recentes chegadas do Brazil: a saber: de Pernambuco, 10 caixas, 582 barricas e 4:027 sacos: do Rio, 88 caixas e 190 barricas: da Bahia, 53 caixas e 68 barricas: do Pará, 28 caixas e 291 barricas.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Effectuaram-se bastantes vendas para reexportar.

Caffé do Rio — 2$800 a 3$000 rs. — Ultimamente tinham chegado 180 sacas, as quaes já se acham vendidas para reexportar, tendo-se obtido por uma pequena marca mais superior o preço de 3$200 rs.

Cêra de Angola B. 260 a 265 rs. — Dita A. 245. a 250 rs. — Chegaram novos reforços, e continúa a ter prompta sahida.

Marfim de lei 960 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Tambem chegaram differentes partidas, e continúa a ser procurado para embarque, principalmente o de boa qualidade, de que ha falta.

Urzella 6$200 a 6$400 rs. — Poucas vendas, e somente para reexportar.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

286 *Londres* 18 *do corrente*. — Os consolidados ficaram a $96\frac{1}{2} - \frac{5}{8}$.

As cartas desta praça recebidas na de Paris referiam que a caza Baring irmãos achára subscriptores para os tres milhões esterlinos destinados á praça de Londres no emprestimo russiano. O governo da Russia contava obter milhão e meio na Hollanda.

Correu voz de que o Banco de Inglaterra, receoso algum tanto por causa das grossas quantias que os governos estrangeiros procuram no mercado inglez, ía augmentar $\frac{1}{2}$ por $\frac{0}{0}$ a taixa de desconto, o que influiu na descida dos consolidados.

Paris, 19. — Os $5\frac{0}{0}$ fecharam a 94,25 e eram mais procurados; os $3\frac{0}{0}$ a 57,65. As acções do Banco de França não poderam restabelecer-se da baixa antecedente; fluctuavam entre 2365 e 2367,50 fr.

Vogou a noticia de que um poderoso capitalista tomára por sua conta todas as inscripções de $5\frac{0}{0}$ que o imperador da Russia dera ordem que se vendessem na bolsa de Paris; os pequenos especuladores, que temiam a influencia de uma venda tão avultada, ficaram mais tranquillisados.

Bruxellas, 19. — $5\frac{0}{0}$, de 1840, a $97\frac{1}{4}$. — Os dois e meio de 1844 a $50\frac{1}{2}$.

Francfort, 17. — Cinco por $\frac{0}{0}$ austriacos a 86; $4\frac{0}{0}$ a $68\frac{1}{4}$; $2\frac{1}{2}$ por $\frac{0}{0}$ a $45\frac{5}{8}$. — Os tres por cento hispanhoes a $24\frac{5}{8}$.

Vienna. — Faltavam as quotações desde 14 do mez.

Berlim, 18. — Os $5\frac{0}{0}$ a $106\frac{1}{4}$.

Madrid, 21. — Titulos de $3\frac{0}{0}$, $29\frac{1}{2}$ prompto pagamento. — Ditos de 4, $12\frac{1}{4}$ papel. — Dictos de 5, $12\frac{9}{16}$ papel.

finito caminho da imprensa. Como a hera trepando pelas sepulturas, a agricultura augmentou extraordinariamente os seus productos em volta do leito de morte, que para tantos foi throno de barro, em que se viram alçar quaes novos Nabucos, que nos prophetisavam a salvação eclipsando, mas não destruindo, o deficit — causa da morte da nação — por meio do dilema que por um lado se reduziu a emprestimos, por outro a impostos.

Promulgar as pautas — como um systema — reconhecel-as em tal situação como a pratica illustrada do principio da protecção, não seria erguer o Lazaro do sepulchro, mas era arrancar as moletas ao paralitico e dizer-lhe — anda, trabalha — vive que és nação.

Para a agricultura os principios desta reorganisação economica pareceram contrarios aos principios que os falsos mestres da sciencia lhe tinham ensinado; e que era queimando nos altares da industria ingleza o resto das nossas fabricas que podia findar a estagnação dos seus productos.

Desgraçadamente o fructo deste erro existe no paiz — algumas municipalidades chegaram já a formulal-o como um voto; e alguns jornaes o tem appresentado como uma opinião segura para melhorar a nossa situação economica.

A agricultura nacional é para nós um ponto de alta importancia — é uma das mais seguras bazes dos nossos interesses: sempre assim a temos considerado e é para seu verdadeiro engrandecimento — é para lhe dar nova vida que desejamos que a industria fabril tenha o desenvolvimento, que as pautas lhe podem conceder.

Em frente desta situação dizer — que se vote á morte a industria que precisar das pautas, é combater a *protecção* declarando-lhe guerra de exterminio.

Concedemos que a liberdade do commercio esteja escripta nos livros, sem restricção nenhuma; mas não está assim escripta nas leis.

¿ Se a liberdade do homem que está na alma, é sujeita á lei da sociedade, porque não ha-de a lei da liberdade da troca estar sujeita á conveniencia publica?

¿ Se uma geração não se quer vestir despendendo mais algum capital, não se hão-de aclimatar no paiz muitas industrias que libertem as gerações futuras de um tributo de oiro pago aos estrangeiros?

A guerra á protecção parte da Inglaterra. Essa nação poderosa renega hoje das suas antigas crenças economicas: revoga as leis protectoras depois de se haver engrandecido com ellas, para convidar as outras nações a uma lucta desegual.

Com as leis dos cereaes auxiliou quanto póde a força produtiva do solo. Com as suas leis de navegação formou a sua marinha: com o systema protector creou os maiores centros industriaes do mundo.

Tendo assim protegido a sua agricultura, havendo-se transformado em vasta officina que podesse trabalhar para todas as nações — apoderando-se do mar pela sua navegação — appresenta como um exemplo o que é da sua parte uma urgente necessidade.

A França, a Belgica — e ha pouco os Estados-Unidos, são provas de que o systema protector não é uma theoria: é um facto de que resulta o augmento da riqueza nacional.

Para mais francamente expormos a nossa opinião, diremos que prestaremos o nosso fraco apoio ás leis que favoreçam a liberdade da terra, — ás instituições do credito que baixem o preço do dinheiro — constituindo o verdadeiro credito agricola — á promulgação do ensino da agricultura, e a todos os esforços que tenham por fim diminuir as despezas da producção da terra — variar os seus productos e aplical-a á tão necessaria creação do gado. Postos em pratica todos estes meios, quanto a nós serão nullos se a industria fabril os não fizer valer.

Ora sem a protecção não se póde crear industria fabril. — Eis-aqui a rasão porque nos declaramos defensores das pautas como principio economico da nossa organisação social.

Não queremos o systema protector cego e louco: — muitas vezes temos dito que as pautas não são eternas, mas é mister reformal-as, sem pôr em vigor os principios absolutos do *Industriador*.

Deixariamos passar sem reparo a doutrina que refutamos, se o *Industriador* não fosse, em nossa opinião, um jornal que honra a imprensa, e se não vissemos o seu artigo muito recommendado pela *Lei*; — apesar de que estamos persuadidos, que, seguindo esse jornal a politica do Governo, não póde administração concordar com a doutrina que se recommenda. Constando-nos que o *Industriador* alcançou do Governo o ser recommendado para os varios districtos do reino, tambem por este facto, a sua nova opinião contra as pautas nos pareceu digna de se fazer notar.

Esperamos que o *Industriador*, appresentando brevemente as consequencias dos principios novos, que proclama, nos habilite para podermos formar a nossa opinião sobre o seu modo de considerar a prosperidade da industria fabril.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

PLANTA DE PRADOS ARTIFICIAES INDIGENA.

265 Ha coisa de 4 annos que lemos em um numero do *Moniteur Industriel* a noticia da introducção e cultura em o norte da França de uma planta nossa, que em Tras-os-Montes costumavam cultivar para alimento do gado. É a Serradella, a que os francezes conservaram o nome portuguez, e os botanicos denominaram *Ornithopus Sativus*. Achamos agora mais a seguintes informações.

A *Serradelle*, planta nova na Belgica, cultivada ha muito tempo em Portugal, serve para prados artificiaes nos terrenos mais aridos. É annual; não dá forragem tão copiosa como o trevo ou a luzerna, mas cresce prosperamente em terras incapazes de crear outras plantas pratenses, e dá-se bem nos terrenos montuosos, nas charnecas, em summa por toda a parte onde cresce o grão sarraceno.

Tem sido favoraveis as experiencias que della fizeram alguns agronomos francezes. Semeam-na pela primavera, deixando as sementes á superficie da terra; se esta é solta, basta para amanhal-a uma cava ligeira, e passar-lhe tambem de leve a grade; sendo torrão mais consistente é preciso metter-lhe o arado.

A *Serradelle* é das melhores plantas alimentares do